

humanitas

Vol. XLV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLV • MCMXCIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



AMÉRICO DA COSTA RAMALHO
Universidade de Coimbra

ANTÓNIO LUÍS, CORRECTOR DE ERASMO

O licenciado António Luís é mal conhecido e faz falta um estudo sobre a sua formação e actividade como professor, investigador, cientista e filósofo. A primeira condição para isso será a tradução da sua obra. Não digo apenas leitura por alto do seu latim, nem sempre fácil, mas a tradução publicada, com o latim em face, para que possa ser apreciada e discutida. Sem esta medida prévia, tudo quanto continuar a ser escrito sobre António Luís, não passará de glosa inútil sobre o que está dito.

Alguns flagrantes da sua personalidade e hábitos podem colher-se do «Auto q̃ se fez sobre o l^{do} ant^o luys xpão nouo m^{or} a sã giã desta cidade de lixboa p̃so por ter liuros em hebraico * 1539 * m^{do} soltar.» Este Auto, cuja leitura foi feita pelo Prof. Mário Brandão, foi publicado por iniciativa do Prof. Joaquim de Carvalho¹.

Recordemos. Foi o caso que nas portas de algumas igrejas de Lisboa, como a Sé e a igreja do convento do Carmo, apareceu uma carta de controvérsia judaica na qual se declarava, entre outras coisas, que o Messias ainda não tinha chegado.

Verificou-se que a letra parecia de castelhano e foi interrogado

¹ *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra escriptas pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira. Segunda parte que comprehende os anos que discurrem desde principios do de 1548 até o de 1551. Volume III (tomo I). Primeira Edição publicada, revista e anotada por Joaquim de Carvalho (...). Por Ordem da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1944, p. 729-746.*

Neste mesmo volume, de p. 750 a p. 801, foi reimpressa a *Panagyrica Oratio*, de António Luís.

o capelão da rainha D. Catarina, lic^o Rodrigo Sánchez², castelhano, que não confirmou que a letra fosse de alguém nascido em Castela.

Procurava-se um culpado, quando a senhoria do lic^o António Luís resolveu denunciá-lo, dizendo «q̄ hũ ant^o lujs filho de m^{tre} lujs fysiquo que viue nas costas da egreia de sã giã ... auya perto de dous annos pouco mais ou menos q̄ treladaua certos liuros -s- briuya de [grego] *latym* ã lingoajẽ. & certos textos q̄ elle dizia a ella testemunha».

O marido da denunciante, proprietária da casa onde vivia António Luís, era iluminador, e a ele recorria o médico para lhe aguçar as penas de que se servia para escrever. Por isso, ela esclarece: «& q̄ hos mais dos domingos & dias santos p̄ncipais pella menhã jazendo ella test^a ajnda na cama e dito seu marjdo trazia o d^{to} ant^o lujs penas haparar ao d^{to} seu marjdo. & papell a Regrar que lhe durauã pera toda a somana esp̄ver.»

Toda a denúncia da mulher do iluminador, além de pitoresca, é extremamente elucidativa. Ela submete o lic^o António Luís a quem dava tratamento de filho — prova indirecta de que era ainda novo — a um interrogatório de beata coscuvilheira e desconfiada. Eis como ela caracteriza o seu inquilino: «& q̄ o d^{to} ant^o lujs se nomeaua p̄ philosopho e grãde letrado. & q̄ ella testemunha dissera ao d^{to} l^{do} aos domìgos & festas quãdo vynha a Regrar o papell & q̄ lhe aparase as penas q̄ forã m^{tas} donde se ueria q̄ cada uez trazia hũa duzia duas duzias & q̄ ella t^a lhe disera como nã vsaua antes da fysica & ã vysitar seus doemtes asy como fezera seu pay & q̄ elle lhe Respondera q̄ nã estimaua nẽ tynha de fazer cõ yso q̄ estimaua muis sua honrra & seu saber q̄ nã a fysiqua.»

Esta denúncia é confirmada pelo filho e pelo marido da denunciante.

A via para a Inquisição tinha sido um tal mestre Afonso, pregador, ao qual a senhoria de António Luís, acompanhada por um criado que confirmou as suas declarações, viera consultar sobre a conveniência de denunciar o inquilino. Então acrescentara que António Luís «espuja ã grego & ã abrayco. & q̄ era chamado o grande philosopho p̄los xpãos nouos & q̄ era grãde ajutam^{to} delles ã sua casa.»

Como se vê, todas as acusações visavam a fazer de António Luís um cristão-novo judaizante. Até o aparar das penas era feito aos domingos e dias santos principais ...

² Sobre este humanista, ver o artigo em *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 20, 1122.

O inquisidor João de Melo, desta vez, foi benevolente e a sentença saiu ligeira: «Visto como as t^{as} se referẽ aos liuros & escritura que o R. podia ter feito ã sua casa os quaes forom achados catholicos & asi vista a ãformação ã de sua vida & custumes foi tomada, mando ã seja o R. Solto & ã ter algũs liuros de hebraico ã sua casa de sop.^{ta} lhe dou ã penjtença o tpo ã esteue preso. J^o De mello Inquisidor».

Esta sentença é de 21 de Fevereiro de 1539. Creio que o Doutor João de Melo levou preso António Luís na noite em que com «as varas da Justiça», entre as onze horas e meia-noite, lhe examinou em casa livros e papéis. Isto passou-se a 10 de Fevereiro. Portanto, o lic^o António Luís deve ter estado preso uns onze dias.

Por testemunhos e declarações, insertos no processo, fica-se a saber que António Luís estudou em Salamanca e que, entre os seus amigos de Lisboa, ao tempo que foi preso, se contavam o feitor João de Barros, André de Resende, «oquatrim & o padre frey brás».

Num parecer em latim, o promotor de Justiça que assina «philippus», chama aos amigos de António Luís «uiri probatae uitae».

O processo mostra que António Luís era em 1539 solteiro, não exercia a Medicina e se entregava a laboriosos trabalhos de investigação.

Desse mesmo ano de 1539, é um livro em latim, escrito em louvor de D. João III e da expansão ultramarina dos portugueses, a *Panagyrica Oratio*, em nossos dias mais nomeado do que lido. Todavia, está longe de ser a sua obra mais importante.

O autor declara solenemente que a *Oratio*, embora publicada em 1539, fora escrita anos antes, como me fez notar, quando era meu aluno, o Prof. Jorge Alves Osório³. Mas a oportunidade da publicação é óbvia.

Os livros de matéria médica que fez imprimir em 1539 e em 1540 mostram que Galeno era então sua leitura e preocupação constante. Cláudio Galeno foi um médico grego do segundo século da nossa era, que fez a sua carreira no Império Romano, no tempo do imperador Marco Aurélio, e deixou uma notável obra de cientista e polígrafo, de larga influência e repercussão na História da Medicina.

³ Sobre António Luís e outros professores da Universidade de Coimbra, em 1548, ver J. A. Osório, *Me. João Fernandes: A Oração sobre a Fama da Universidade*. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1967.

Ainda sobre António Luís, consultar Isaltina Figueiredo Martins, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no século XVI*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1986, p. 186. E R. Hoykaas, «Science in Manueline style», anexo IV, *apud* Armando Cortesão e Luís de Albuquerque, *Obras Completas de D. João de Castro*, Vol. IV, Coimbra, 1982, p. 416-418.

Dada a amplitude dos interesses culturais de António Luís, não é de admirar que se tenha ocupado da tradução que Erasmo fizera da *Exortação às Belas Letras* de Galeno. Antes de 1944, a Dr.^a Mariana Machado Santos comunicara ao Prof. Joaquim de Carvalho a existência na Biblioteca da Ajuda de um manuscrito intitulado *Annotationes aliquorum locorum in quibus hallucinatus est Erasmus in transferendo Galeni libello qui inscribitur Exhortatio ad bonas artes*, ou seja, em português, *Notas sobre alguns passos em que Erasmo disparatou, ao traduzir o opúsculo de Galeno, intitulado Exortação ao estudo das Belas Letras*.

No seu livro *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI*, em 1973, o Prof. José Vitorino de Pina Martins publicou uma fotocópia das *Annotationes*. A *Exhortatio* a que elas se referem foi publicada em 1526 por Erasmo e constitui o primeiro dos três ensaios que o humanista traduziu da edição Aldina de Galeno, saída em 1525. São os três pequenos ensaios *Exhortatio ad artium liberalium studia; De optimo docendi genere; Quod optimus medicus idem sit et philosophus*.

António Luís critica as traduções erasmianas do primeiro e do terceiro, portanto, da *Exortação ao estudo das Belas Letras* e de *Que o melhor médico é também filósofo*.

Quanto ao breve ensaio *Sobre o melhor método de ensinar*, que em edições posteriores de Erasmo também aparece com o título de *Sobre o melhor método de falar*, substituindo no título *docendi* por *dicendi*, António Luís não lhe toca. É fácil compreender porquê, se soubermos que na epístola dedicatória que precede as três traduções, Erasmo se lamenta do estado de corrupção do texto. Quanto a António Luís, alega que o texto se encontrava *deprauatissimus* e desiste de emendá-lo e de traduzi-lo.

No presente artigo só me ocuparei do primeiro ensaio, a saber, a *Exortação ao estudo das Belas Letras*.

Vale a pena dar a tradução integral das considerações introdutórias de António Luís, escritas no Verão de 1548 (a carta-dedicatória a D. João III é de 1 de Setembro desse ano), para se ver a atitude com que ele aborda o escrito erasmiano, doze anos depois do falecimento do humanista mais famoso do seu tempo:

«Erasmo de Roterdão, campainha do nosso tempo e seu oráculo de Dodona (homem mais tagarela do que quantas gralhas e estorninhos há) tentou traduzir alguns opúsculos muito breves de Galeno, médico notabilíssimo. Mas fê-lo com tanta infelicidade, cometeu tantos erros em duas ou três páginas e notas de Galeno — Santo Deus! — que eu sinto não só pena mas até vergonha dele! É que a tarefa de

interpretar não é coisa de tão somenos que esteja ao alcance de todos e cada um. Com efeito, para quem tenha de traduzir Galeno, é importante que, para além dum domínio rigoroso das línguas grega e latina, possua o superior conhecimento das artes liberais e a ciência acurada da matéria médica.

Que espírito daninho te impeliu, ó Erasmo, a entrares nos nossos arraiais, a saltares para dentro deles, como um fugitivo, se não podias colher grandes louvores que te permitissem fazer uma sortida fora da vedação e da fossa circundante?

Foi para que não ficasses encolhido na tua pele? Não teria sido muito preferível que te contentasses com o teu Luciano e com os escritos de Retórica, em vez de fazeres grandes esforços para alcançares os nossos autores?»⁴

Convém explicar que o *Προτρεπτικός* ou *Exortação* é um opúsculo do médico Galeno em que este, apesar de habituado a tratar os corpos, faz o elogio da cultura do espírito.

Os heróis populares do seu tempo eram os atletas e desportistas profissionais: os gladiadores que conseguiam sobreviver a numerosos combates e que eram uma espécie de toureiros na Espanha de Blasco Ibáñez (e não sei se hoje ainda), com a sua popularidade entre as massas e o seu êxito fácil entre as mulheres; os *aurigae*, cocheiros de corrida que se exibiam no circo, num desporto quase tão mortal como o anterior; os campeões de pancrácio que, com as suas luvas de puas metálicas, se destruíam fisicamente, de combate para combate.

Galeno notara que todos estes favoritos das multidões, passada a curta época da sua glória, morriam abandonados e desprezados por aqueles mesmos que os haviam incensado. E observava, como médico, que, no caso de sobreviverem aos anos da juventude, estes heróis da aura popular acabavam arruinados fisicamente.

⁴ *Transferre conatus est Erasmus Rhoterodamus nostri saeculi tintinnabulum et Dodonaeum aes (uir quibusuis graculis et sturnis loquacior) quaedam Galeni praestantissimi medici opuscula perexigua illa quidem, sed tam infeliciter, totque in duobus aut tribus Galeni paginis et schedis quas transtulit (dii boni) Errores commisit, ut me eius et misereat et pudeat, non est ita leuiculum interpretandi munus ut omnibus aut cuiuis id ex aequo contingat. Operae pretium est namque ut qui Galenum interpretari debeat, praeter cognitionem lingua graeca et latina exactam, etiam liberalium doctrinarum ingenuam disciplinam et rei medicae strenue scientiam consecutus sit. Qui te Daemon impulit, Erasme, ut in nostra castra ueluti transfuga inrueres et insilires, ex quibus te non multas laudes referre licebat, ut extra saepta et fossas progredereis? ut intra pelliculam temet non coherceres? satius sane tibi longe fuisset Luciano tuo et oratoriis libris contentum nostris auctoribus magnum non admoliri. (Fol. a j do MS).*

E Galeno opunha-lhes a cultura do espírito, cujos bens se acrescentam e enriquecem com os anos, numa vida digna de homens livres que cultivam a inteligência que os aproxima dos deuses e os distancia das feras.

Esta exaltação do culto do espírito, das vantagens da *humanitas* é, portanto, um tópico muito à medida dos gostos de Erasmo, e daí que o tenha escolhido para uma das traduções de grego para latim.

Não consegui encontrar a edição aldina de 1525 que Erasmo teria utilizado, mas o texto discutido por António Luís difere pouco do que pode ler-se em edições como a de I. Marquardt, Leipzig, 1884, reproduzida fotograficamente em 1967, e a de G. Kaibel, Berlim, 1894, reeditada, em segunda edição, em 1963. Por outro lado, o «apparatus» de Marquardt, contém informações valiosas sobre a edição Aldina.

Vejamos as observações críticas do médico português:

1) *Quas hoc animal tentat discere*. O antecedente do pronome relativo na versão de Erasmo é *artium*. A tradução corresponde ao grego τό γε πλῆθος τῶν τεχνῶν ὧν μεταχειρίζεται τὸ ζῷον τοῦτο (I, 2). Erasmo traduz *μεταχειρίζεται* por *tentat*, António Luís por *aggreditur*. Outras versões são ainda possíveis, mas *tentat* não é um erro.

2) *aut artificio comptorum additam*: «ou (beleza) acrescentada pelo artifício dos que a ornamentam».

Trata-se de uma estátua do deus Hermes em que este aparece sob a forma dum jovem, sem ornamentos artificiais, em toda a sua beleza natural (οὐδὲ κομμωτικὸν ἔχων κάλλος III, 5).

A tradução de Erasmo está correcta e não precisa da explicação adicional de «(beleza) adulterina» que lhe junta o humanista português.

3) António Luís critica, seguidamente, a versão de *γραμματισταί* por *scriptores*, na frase *Τούτων δ' ἐφεξῆς ὁ δεύτερος χορός, ζωγράφοι, πλάσται, γραμματισταί ...* (V, 7).

De facto *litteratores* é melhor tradução para *γραμματισταί* do que *scriptores*. Aqui António Luís tem razão, embora na sequência de «pintores, escultores, *γραμματισταί* (traduzido por «escritores»)» seja mais nobilitante do que vertido por «professores de primeiras letras». Mas é verdade que no preconceito social romano, os artistas plásticos não gozavam do prestígio que acabaram por ter no mundo moderno.

4) Também a objecção seguinte tem que ver com o rigor da tradução. Em *οἷον ὑπαρχοί τινες καὶ ὑπηρέται τοῦ θεοῦ* (V, 8), Erasmo traduziu *tanquam assectatores ac ministros quosdam Dei*.

O português alega, com razão, que *ὑπαρχοί* equivale a *praesides siue praefecti*, no texto em causa «prelados ou prefeitos» e não simplesmente «sequazes». Há da parte de Erasmo uma certa falta de exactidão.

5) Vem depois o *exemplum* de Aristipo que, naufragando, foi lançado pelo mar a uma praia da Sicília onde encontrou figuras geométricas desenhadas na areia. Aristipo concluiu que os habitantes do local eram gente civilizada.

O texto usado por António Luís apresenta *σχῆμα γεωμετρικόν*. Erasmo traduziu por *lineas geometricas*. As edições de Marquardt e Kaibel trazem *διάγραμμα γεωμετρικόν*. Em qualquer caso a melhor tradução é «figura geométrica», como propõe António Luís.

6) A objecção seguinte tem que ver com voz e modo na sintaxe grega: *τί γὰρ ἂν καὶ πάθοιεν* (VI, II). Tradução de Erasmo: *Quid enim isti facerent?*

Trata-se realmente de uma tradução livre, em comparação com a de António Luís: *quidnam aliud illis contingat?* que se dá conta do valor passivo de *πάσχω*; traduz correctamente o optativo potencial grego por um presente do conjuntivo latino; e nem sequer omite o valor enfático de *καί*, vertido por *aliud*.

Mas a tradução de Erasmo é mais viva e coloquial.

7) Temos outro *exemplum*, desta vez de Diógenes, em que *ἐπωδός* aparece usado figuradamente no sentido de «conclusão»: *melius fuerit ceu pulchrum epodum accinere Diogenis illud* traduz o grego *Κάλλιον δ' ἴσως προσθεῖναι καὶ τὸ τοῦ Διογένους, οἷον ἀγαθὸν τινα ἐπωδόν* (VIII, 18).

António Luís começa por não transcrever correctamente o texto de Erasmo, omitindo *opinor*, entre *melius* e *fuerit*. Por outro lado, o seu comentário explica *epodus* que Galeno usou figuradamente neste passo. Talvez Erasmo devesse ter dado idêntica explicação numa nota. Mas querer António Luís explicar ao humanista holandês que *epodus* está aqui usado figuradamente parece-me uma impertinência de mau gosto.

8) *Affectio athletica non est secundum naturam*: assim traduziu Erasmo *Λιάθειεις ἀθλητικῇ οὐ φύσει* (*ἐστίν* X, 25), isto equivalente a «A atitude atlética não é natural».

Trata-se de uma citação de Hipócrates na qual António Luís acha que em vez de *affectio* devia estar *dispositio*.

A propósito deste passo, António Luís exhibe a sua erudição médica, citando outros passos de Galeno, autor médico que muito bem conhe-

cia, e de Hipócrates. Ao mesmo tempo, verbera a ignorância de Erasmo nas coisas da Medicina, um pouco gratuitamente neste caso, pois *dispositio* não parece melhor do que *affectio* para traduzir *διάθεσις*.

9) António Luís continua com outra citação de Hipócrates, incluída no texto de Galeno. Aí aparece a expressão *ἀοκνή πόνων* (XI, 27) que o médico português acha mal traduzida em Erasmo. O humanista holandês, segundo ele, leu erradamente no manuscrito *πάντων* em vez de *πόνων*. António Luís parece, deste modo, admitir que Erasmo, além da edição Aldina, teria utilizado um ou mais manuscritos que hoje estão desaparecidos⁵. Erasmo, aliás, limita-se a traduzir para latim, sem nos dar qualquer informação concreta sobre o original grego. Quanto a António Luís, além das duas edições impressas existentes no seu tempo, que podia ter conhecido, isto é, a já referida Aldina (1525) e a de Basileia (1538), parece ter usado um manuscrito, de que fala de passagem.

Mas voltemos a *ἀοκνή πόνων* que, traduzido por *in omnibus agilem esse*, se presta às críticas do português, cuja versão *non sit segnis ad labores subeundos*, ou outra equivalente, é melhor.

10) *et ut iam perueniant nihil differunt a Litis illis Homericis*, correspondente ao texto grego *κἄν ἐφίκωνται ποτ' εἰς τοῦτο, τῶν Ὀμηρικῶν οὐδὲν ἀπολείπονται Λιτῶν* (XI, 30).

Aquí Galeno alude às *Λιταί* homéricas, para dizer que os atletas, quando chegam (se chegam) à Velhice são como as *Λιταί*, «Preces» personificadas: eles são «coxos, enrugados, estrábicos e cegos» (Hom., *Il.* IX, 502). Referia-se especialmente aos lutadores que, heróis da multidão, na juventude, chegavam à velhice, transformados em verdadeiras ruínas sobre cuja decadência Galeno se espraia gostosamente.

Neste passo é também a falta de explicação para *Λιταί* que António Luís censura. E talvez tenha razão, porque nem todos os leitores de Galeno teriam presente a *Íliada*.

11) *et quidquid semel ruptum fuit aut contractum, facile mouetur*, versão do grego *καὶ πᾶν ῥήγμα καὶ σπᾶσμα ῥαδίως κινεῖται* (XI, 31).

Neste passo do *Προτρεπτικός*, a crítica concentra-se sobre a tradução de *ῥήγμα* e de *σπᾶσμα*, termos técnicos da Medicina sobre os

⁵ «Emendatio librorum Galeni, qui hoc primo uolumine comprehenduntur, praeter *Protrepiticum*, cuius nullus, ut uidetur, hodie exstat liber manuscriptus ...» («Praefatio» da edição de Marquardt).

quais o nosso médico se alonga, verberando a ignorância médica de Erasmo. De facto, não custa a admitir que a tradução erasmiana tem o tom vago e impreciso do leigo em Medicina.

12) *in iis enim omnibus pueri nuper nati sunt imbecilliores* para traduzir *ἐν ἅπασιν γὰρ τούτοις τῶν νεογνῶν παίδων εἰσὶν ἀσθενέστεροι*.

Aqui, António Luís parece ter razão, mas a versão erasmiana talvez possa ser explicada.

Com efeito, Erasmo traduz «em todas estas coisas, as crianças recém-nascidas são mais fracas». Pode entender-se também, menos facilmente, assim: «... (os atletas), como crianças recém-nascidas, são mais fracos».

Ora o que Galeno pretende dizer é que os atletas na decadência «em todas estas coisas são mais fracos do que crianças recém-nascidas». Com efeito, *τῶν νεογνῶν παίδων* é um genitivo de segundo termo de comparação.

Mas acontece que a edição Aldina traz *παῖδες*. Assim sendo, a tradução será que «em todas estas coisas, (os atletas) são crianças mais fracas do que os recém-nascidos». Para se obter este sentido, na tradução de Erasmo, bastaria acrescentar um *-s* a *nati*, por forma a obter o ablativo *natis*. Terá havido um descuido tipográfico?

13) *o insignem dementiam istorum qui ne hoc quidem intellegunt*, tradução de *ὃ ὑπερβαλλούσης ἀγνοίας, ὡς μηδὲ τοῦτο γιγνώσκουσιν* (XIII, 34) que considero aceitável.

Mais adiante, António Luís acusa Erasmo de não ter entendido as palavras que se seguem às transcritas: *ὅτι πρὸ βραχέος τὸ βραχὺ (σῶμα)*. Mas a verdade é que a versão de António Luís me não parece resolver a dificuldade a que Erasmo fugiu, omitindo a tradução de *τὸ βραχὺ*. Com efeito, o nosso médico propõe *quod breue siue modicum sit*. E tanto esta tradução como as explicações que dá seguidamente não são convincentes.

As edições modernas apresentam em lugar de *τὸ βραχὺ*: *τὸ αὐτὸ τοῦτο* (Marquardt); *τὸ βαρύτερον τοῦτο* (Kaibel).

Quanto às restantes explicações de António Luís são desnecessárias, porque Erasmo traduz de maneira inteligível o famoso *exemplum* da morte de Milão, o atleta brutamontes, que vem a seguir.

14) *et tamen hi maxime ditescunt e suis artibus*, versão de *καίτοι πλουτοῦσιν ἐξ ἐπιτηδευμάτων οὗτοι μάλιστα* (XIV, 38) ou, em português, «e, entretanto, estes enriquecem muitíssimo com as suas especialidades».

Neste passo, os comentários andam em torno de *ἐπιτηδεύματα* que António Luís propõe seja traduzido por *officia* e não por *artes*, alteração pouco significativa.

15) *quaedam enim ex his ratione constant* para *ἔνια μὲν γὰρ ἀπτόων λογικαί τ' εἰσὶ [καὶ σεμναί]*, XIV, 38. A tradução da frase completa em Erasmo é *ratione constant suntque liberales et honestae*.

António Luís propõe *quaedam artes sunt, logicae et rationales et honestate et dignae sunt ratione utente*.

Não me parece que esta versão palavrosa tenha qualquer vantagem sobre a de Erasmo.

Que concluir do exame sumário que acabo de fazer às correcções de António Luís a Erasmo na *Exhortatio ad artium liberalium studia*?

Poucas são, na verdade, as que conseguem provar o descuido de Erasmo e, ainda menos, a sua falta de competência. As picuinhas de António Luís, porque na sua maioria de picuinhas não passam, estão muito longe de corresponder às acusações em estilo campanudo do início da crítica. Elas servem, todavia, para mostrar que uma dúzia de anos após a morte de Erasmo, a campanha contra o grande humanista de Roterdão não esmorecera.

No caso do cristão-novo António Luís, os ataques a Erasmo foram, possivelmente, um meio de conciliar a boa vontade da Inquisição, por cujas masmorras tinha passado, embora por pouco tempo.

Já antes nos *Problemata*, publicados em Lisboa, em 1539, António Luís mostrara pouca simpatia pelos *Germani*, entre os quais era costume incluir Erasmo, ao perguntar: «Porque é que os Alemães, e os que habitam lugares enregelados pelo frio, embora se distingam pela força física e pela estatura dos corpos, todavia tão pouco raciocínio possuem, que parece não terem o uso ou o comércio da razão?»⁶

Mas é possível que em Coimbra, onde encontrou com certeza o professor de Grego da Universidade, Vicente Fabrício, que era alemão, tenha mudado de ideias sobre a estupidez germânica.

No ano de 1547, em que António Luís começou a 4 de Março a sua breve carreira em Coimbra, saía em Lisboa, a 28 de Outubro, a

⁶ Cur Germani et qui loca frigore algida incolunt, quamuis uiribus et corporum magnitudine praestent, minimum tamen rationis obtineant, ut nullum paene cum ratione usum uel commercium habere uideantur? (*Problematum libri quinque*, fol. 5 v.º).

primeira *Prohibicam dos Livros Defesos*⁷. Aí eram proibidos os *Colóquios*, a *Moria* e o *Modo de confessar* de Erasmo.

A carta-dedicatória a D. João III, que precede as «correções» a Erasmo é, como já disse, de 1 de Setembro de 1548. Nesse mesmo ano, a 21 de Fevereiro, abriu em Coimbra o Colégio das Artes onde, entre os professores, se encontravam simpatizantes de Erasmo, falecido em 1536.

Em 17 de Julho de 1548, um dos mais salientes admiradores de Erasmo, ao menos como pedagogo, Mestre Juan Fernández⁸, pronunciava a oração *De Celebritate Academiae Conimbricensis*, em que trata com simpatia tanto Vicente Fabrício como António Luís, dizendo deste último: «Atrai a si todos pela extrema discrição e variada leitura, Luís o grego, tradutor do grego Galeno e querido e admirado, com grandes louvores, dos homens mais cultos, pelas provas do seu talento.»⁹

Esta apreciação pública de Mestre Juan Fernández parece contrariar a impressão desagradável de bravata e fanfarronada, como notas do carácter de António Luís, que se colhe da leitura das suas *Annotationes* à versão erasmiana do *Προτρεπτικός* de Galeno.

No seu livro, publicado pela Toronto University Press em 1985, Erika Rummel, autora de *Erasmus as a translator of the classics*, estudou estes três opúsculos de Galeno, mas as poucas observações que fez à *Exhortatio* não coincidem com as de António Luís.

Todavia, a autora chama a atenção para o modo de traduzir do humanista holandês, quer nestes, quer em outros textos: o seu gosto pela expressão oratória em que, por vezes, o sentido de uma palavra grega é desdobrado em duas ou três palavras latinas; a liberdade com que o tradutor procede em face do original, mais segundo o íntimo fluir da sua expressão do que segundo o original que tem diante de si; e ainda os casos, não raros, em que Erasmo, não entendendo um texto pouco seguro, toma um de dois caminhos: ou deixa o texto incompreensível como o achou ou o adapta à linha geral da tradução que vem fazendo.

⁷ Cf. Artur Moreira de Sá, *Índices dos livros proibidos em Portugal no século XVI*. Lisboa, 1983, p. 131-151.

⁸ Além do livro de Jorge Alves Osório, citado na nota 3, ver a sua tese de doutoramento, intitulada *O Humanismo Português e Erasmo: os Colóquios de Erasmo editados em Coimbra no século XVI*. Universidade do Porto, 1978, 2 volumes polycopiados. E na *Bibliografia* de Isaltina Martins, já citada, os n.ºs 2101 e 2102.

⁹ *Allicit ad se omnes summa modestia et uaria litteratura Ludouicus graecus Galeni graeci interpretes ingenii monumentis magna cum laude doctissimis quibusque uiris carus et suspiciendus*. Cf. *oratio*, citada na nota 3, p. 146.

A este respeito, Erika Rummel mostra-se particularmente simpaticante com o que o humanista fez na tradução do segundo ensaio, aquele que o médico António Luís se não atreveu a abordar. Aí, Erasmo emendou, ao traduzir, e com tão apurado faro linguístico que muitas das suas sugestões vieram a ser aceites por editores subsequentes e os passos que Erasmo não conseguiu emendar continuam hoje no mesmo estado ¹⁰.

Resumindo: dos dois textos cuja tradução António Luís criticou, ocupei-me do primeiro, no presente artigo. A respeito desse, posso concluir que António Luís, ao criticar Erasmo, mostra saber grego, mas exagera os defeitos de Erasmo como tradutor.

¹⁰ P. 113. Ver sobre o livro de Erika Rummel a recensão de Jorge Alves Osório em *Humanitas* XXXVII-XXXVIII, Coimbra, 1985-1986, p. 366-369.